



Ana Vieira é doutora em Ciências da Educação, na área da Educação Social e Mediação Sociopedagógica e mestre em Ciências da Educação – História e Problemas Atuais da Educação pela UTAD- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

É, atualmente, professora adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e investigadora do do CICS.NOVA pólo do IPLeiria.

Trabalhou em Portugal com Américo Peres, Professor agregado na UTAD, e em Espanha com José António Caride, professor catedrático na Universidade de Santiago de Compostela.

A sua investigação incide sobre Mediação intercultural, Educação social, Pedagogia Social, Mediação Sociopedagógica, Mediação Sociocultural, Trabalho Social e Indisciplina, áreas onde tem publicado em livros, revistas nacionais e estrangeiras, e onde tem desenvolvido comunicações que tem apresentado em congressos nacionais e internacionais.

É investigadora integrada do CICS.NOVA.IPLeiria.

É, ainda, membro da RESMI – Rede de Ensino Superior de Mediação Intercultural.



Ricardo Vieira nasceu em Albergaria dos Doze, em 1961. É Mestre em Antropologia Social e Sociologia da Cultura pela FCSH-UNL, Doutor em Antropologia Social, Pós-Doutor em Serviço Social e Agregado em Antropologia da Educação pelo ISCTE. No ano de 2000, foi galardoado com o Prémio Rui Grácio, prémio nacional para o melhor trabalho de investigação em Educação realizado em Portugal, SPCE (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação).

É, atualmente, Professor Coordenador Principal (Full Professor) da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, Professor Decano do Instituto Politécnico de Leiria e Investigador do CICS.NOVA pólo do IPLeiria.

Trabalhou em Portugal com Raul Iturra, Professor Catedrático do ISCTE-IUL, e em França com Pierre Bourdieu, François Bonvin, Monique Saint Martin e Marie Elisabeth Handman da EHESS e do Collège de France.

As suas áreas de investigação preferenciais, onde tem publicado vários livros e artigos científicos são: Histórias de Vida e Identidades; Metamorfoses da Identidade; Antropologia da Educação; Educação e Diversidade Cultural; Mediação Intercultural; Identidades nos Idosos; Pedagogia Social e Identidades Pessoais e Profissionais.

É investigador integrado do CICS.NOVA.IPLeiria.

É, ainda, membro da RESMI – Rede de Ensino Superior de Mediação Intercultural.

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013



05

Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações

ANA MARIA VIEIRA | RICARDO VIEIRA

05

ANA MARIA VIEIRA | RICARDO VIEIRA

Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações

COLEÇÃO *Magina*

ÍNDICE

Nota de apresentação	7
<i>Isabel Baptista</i>	
Prefacio	9
<i>José Antonio Caride</i>	
Prefácio	13
<i>Américo Peres</i>	
Introdução	17
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	

Capítulo 1

A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL COMO PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL

1. Educação Social, Pedagogia Social e Competências na Intervenção do Profissional	25
<i>Ana Vieira</i>	
2. Da Desconstrução do Formal e não Formal na Educação Social	39
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
3. Da Profissão [Educação Social] ao Campo de Conhecimento [Pedagogia Social]: Profissão e Profissionalização em Educação Social	47
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
4. Pedagogia Social, Mediação Intercultural e Intervenção Social	55
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
5. Competências da Mediação Intercultural como prática da Pedagogia Social	65
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
6. Da visão tradicionalista da Pedagogia Social à nova Educação Social	71
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
7. Ética(s) e Educação Social	80
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	

Capítulo 2
PEDAGOGIA SOCIAL, MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO

1. Viver e Conviver: Pedagogia Social, Comunicação e Mediação Intercultural	95
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
2. Intervenção Social, Mediações Socioculturais, Prevenção e Resolução	98
<i>Ana Maria Vieira</i>	
3. Educação Proibida e Pedagogias da Transformação	103
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
4. A Pedagogia Social e a Mediação na Transformação dos Olhares Patologizadores das Diferenças Socioculturais	106
<i>Ana Maria Vieira</i>	

Capítulo 3
NA ESCOLA:
PEDAGOGIA SOCIAL E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

1. Diversidade Cultural e Mediação Escolar	113
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
2. A patologização da Diferença em Territórios Escolares	117
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
3. As Potencialidades da Mediação Escolar ou da Mediação Sociopedagógica na Construção de uma Escola para a (Con)vivência	121
<i>Ana Maria Vieira</i>	
4. Tensões Sociais e Conflitos na Escola: da Prevenção e da Resolução	124
<i>Ana Maria Vieira</i>	
5. Educação, Escola, Aprendizagem e Ensino	127
<i>Ricardo Vieira</i>	
6. Educação e Trabalho Social na Escola	130
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	
7. Ensino Superior, Mediação Sociocultural e Sociopedagógica	133
<i>Ana Maria Vieira</i>	
8. Pedagogias Diferenciadoras e Emancipadoras	136
<i>Ana Maria Vieira Ricardo Vieira</i>	

Capítulo 4
COMPLEXIDADE
E (TRANS)FORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS

1. Da (In)comunicação nos Sistemas de Ensino: breve apontamento	153
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
2. Ensino Politécnico e Ensino Universitário: nomes, coisas e "faz de conta"	156
<i>Ricardo Vieira</i>	
3. Professor ou Contratado?	165
<i>Ana Maria Vieira</i>	
4. Ser Voluntário... ..	168
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
5. Escola, Educação e Ensino: incursões reflexivas a propósito da adequação ao Processo de Bolonha	171
<i>Ricardo Vieira Ana Maria Vieira</i>	
6. Escola, Física e Sociedade	174
<i>Ricardo Vieira</i>	
7. Dar e Receber: conteúdo, forma e mudança na vida dos professores em Bolonha	177
<i>Ricardo Vieira</i>	

TÍTULO

Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações

AUTOR

Ana Maria Vieira | Ricardo Vieira

EDIÇÃO

PROFEDIÇÕES, Lda./ Jornal a Página

COLEÇÃO

a Página

CONCEÇÃO GRÁFICA

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem

1000 exemplares

Depósito legal

408254/16

ISBN

978-972-8562-74-8

1.ª Edição: **Abril 2016**

PROFEDIÇÕES, Lda. / Jornal a Página da Educação

R. D. Manuel II, 51 C – 2.º andar – sala 2.5

4050-345 Porto

Tel. 226 002 790 • Fax 226 070 531

livros@profedicoes.pt

redacao@apagina.pt

<http://www.apagina.pt/>

<http://www.profedicoes.pt/livraria>

NOTA: Os textos publicados na coleção a Página são sujeitos a um processo de arbitragem científica assegurado por investigadores devidamente acreditados, pertencentes ao Conselho Editorial e/ou à bolsa de colaboradores permanentes da revista a Página da Educação.

6.

Escola, Física e Sociedade

Ricardo Vieira

ESECS-IPL e CICS.NOVA.IPLeiria

Dei comigo, há dias, num desses muitos encontros comemorativos do Ano Mundial da Física. O ano de 2005 foi escolhido pela ONU por corresponder ao centenário da publicação de importantes trabalhos de Einstein que revolucionaram toda a física clássica e que estariam na base do prémio Nobel que lhe foi atribuído em 1921.

Não sou propriamente um físico (de resto, sou antropólogo), mas interessei-me pela história do pensamento científico e pela revolução quântica que atravessou o séc XX e que abalou quase todas as ciências, das naturais às sociais e humanas.

Mas, primeiro desabafo, fiquei abismado como nesse evento de nada disso se falou. Os “cientistas” falavam de coisas banais e do senso comum de que é preciso aprender física nas escolas para haver desenvolvimento. Acho que Albert Einstein só pode ter-se contorcido no sono profundo que habita de momento.

Pensei mesmo que, embora entre físicos, professores e alunos de física, ninguém parecia conhecer os princípios base da distinção entre a física clássica e a física quântica. Que ensinam, na escola, de Einstein e da revolução científica dos fundadores Bohr, Planck, Heisenberg, Born, entre outros?

Um empresário de renome dizia, com ar de quem inventara a fórmula mágica de como transformar Portugal num país desenvolvido e de como pôr a escola ao serviço da indústria, que, enquanto os estudantes não estudassem todos física e não se interrogassem a ponto de perguntarem sempre a razão das

coisas, a sociedade não evoluía. Os professores não iam além da necessidade de se criar a curiosidade pela explicação dos fenómenos da realidade. Um insistia vivamente no método científico como gramática do comportamento. Outro falava de como a prática é fundamental e que a escola quase sempre fica na dimensão teórica, ao que o físico teórico, presente no debate, respondeu com a necessidade de se pensar a física não só como ciência aplicada e aplicável.

Senti-me mal com a superficialidade. Para não dar o meu tempo como mal empregue, usei falar com o “outro”. Recordei um ensaio de Maria de Lourdes Pintasilgo, “tudo está em tudo; uma fundamental e fascinante teoria científica” para dizer que, provavelmente, não bastaria ensinar e aprender qualquer física para que uma sociedade se desenvolvesse. Era preciso saber que física se ensinava e se aprendia e se os próprios professores conheceriam todos como a revolução quântica mudara todo o nosso mundo. Não creio que tenha sido bem recebido nem tão pouco compreendido. Claro que a física na escola é importante. Muito importante e, por isso mesmo, não deve ser maltratada.

Falei de alguns cientistas portugueses e estrangeiros que no ano de 1994 tinham elaborado a “Carta da Transdisciplinaridade” no Primeiro Congresso Mundial da Transdisciplinaridade, realizado no Convento da Arrábida, e que nos falam da necessidade de apagar algumas cegueiras científicas. Falei-lhes de Basarab Nicolescu (2000), físico teórico, para quem a novidade irreduzível da visão quântica continua a pertencer a uma pequena elite de cientistas de ponta. Nada. Não creio que tenha conseguido algo além de algum silêncio ensurdecedor e de duas respostas perfeitamente descontextualizadas: a de um estudante do ensino superior que nada percebera do que eu dissera; e a dum empresário que respondeu que a Eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo tinha um raciocínio bem estruturado mas que era preciso um ensino prático nas escolas.

Parece que a revolução científica ainda não chegou às escolas secundárias. O nosso pensamento continua dicotómico, cartesiano, mecânico, simples, linear... e é isso que continuamos a ensinar na escola. E, de facto, os problemas são cada vez mais complexos. Para tudo e para nada pergunta-se, apenas: porquê? Mas continuamos a formar mentes disciplinares e fragmentadas, incapazes de pensar o todo e apenas as partes.

E, como recorda Pintasilgo, “grande parte dos problemas do mundo de hoje requerem a ciência da complexidade. Mas há um real divórcio entre os dirigen-

tes da coisa pública e aqueles que são capazes de manejar a «Nova Aliança», título que Prigogine deu ao seu famoso livro sobre a «metamorfose da ciência». Enquanto decisores políticos funcionarem apenas com categorias tradicionais, pode continuar a dizer-se que há «problemas complicados», mas ficam na gaveta «os problemas complexos», que só se podem resolver com a «ciência da complexidade»” (2003: 210).

Referência Bibliográficas

- NICOLESCU, Basarab (2000). *O Manifesto da Transdisciplinaridade*, Lisboa: Hugin.
- PINTASILGO, Maria de Lourdes (2003). “Tudo está em tudo”, *Visão*, 13 de Novembro.
- VIEIRA, Ricardo (1999). “Modelos Científicos e Práticas Educativas: breve incursão no século XX” in VIEIRA, R. *Ser Igual Ser Diferente*, Porto: Profedições.